



OS REINOS DA NATUREZA: MINERAL, VEGETAL, ANIMAL E HOMINAL

Observando os seres da Natureza, classificaram-nos os naturalistas em três reinos: **mi-neral, vegetal e animal**, neste último incluíram também o homem, considerando-o apenas do ponto de vista físico, isto é, somente em seu corpo material. Este, realmente, é em tudo semelhante aos dos animais superiores. Se considerado, porém, em sua integralidade, distingue-se evidentemente o homem de todos os outros seres pela sua inteligência e racionalidade. A inteligência, que nele se acha superiormente desenvolvida, possibilita-lhe uma atividade consciente altamente elaborada, incluindo idéias e juízos, raciocínio lógico e pensamento discursivo. No homem brilha, pois, a luz da razão, que não existe no puro animal, e lhe faculta o conhecimento das leis universais, e à qual se junta o senso moral, que o eleva ainda mais acima dos outros seres, pela percepção também das leis morais e a intuição de Deus. Destaca-se, portanto, dos animais, nitidamente, o homem, por qualidades que não pertencem à matéria, ao corpo do homem, sendo atributos do Espírito e formando, na Natureza, um quarto reino: o **hominal**.

Feita essa ressalva, e admitindo-se o homem como um ser à parte, podem, realmente, considerar-se aqueles três reinos. Em outros termos: além do homem racional e moral, existem no nosso mundo as pedras ou minerais, as plantas ou vegetais e os animais irracionais. Essa distinção entre os seres da Natureza, considerados os animais como os representantes mais evoluídos dos três reinos, é de tal modo intuitiva que desde muito entrou no entendimento humano. Todavia, em análise profunda e observando-se os seres mais simples dos extremos das três séries naturais, é-se obrigado a reconhecer formas de transição de tal modo sutis que entre elas se torna ambígua a definição absoluta dos três reinos.

Há, porém, um caráter distintivo, que não padece dúvida, entre os seres minerais e os dos outros grupos: é a ausência de vida dos minerais e a presença dela nos vegetais e animais. Por isso, prefere-se a divisão mais simples que considera, de um lado, os minerais, constituindo os seres brutos ou Inorgânicos, e de outro, os vegetais e os animais reunidos para constituir o grupo dos seres vivos ou orgânicos. A presença da vida traduz-se nos vegetais e animais pela organização celular da matéria de seus corpos e o correspondente aparecimento das grandes funções de nutrição e de reprodução. Há uma infinidade de seres Constituídos de uma única célula. São seres unicelulares vegetais - os protófitos, e animais - os protozoários. Mas em seres progressivamente evoluídos, até os vegetais e animais superiores (metáfitas e metazoários), as células microscópicas se reúnem em tecidos, os tecidos em órgãos e estes em sistemas e aparelhos orgânicos.

À pergunta 585 de **O Livro dos Espíritos**. “Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?” Os Espíritos responderam: “Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus. (...)” (01)

Os seres que formam o reino mineral só manifestam uma força mecânica, isto é, decorrente unicamente da matéria de que são formados. Apenas existem, inertes e brutos, falece-lhes inteligência e vontade, nem mesmo instintos revelam, o que prova que, se neles existe algum princípio diferente da matéria, está completamente abafado, dorme, em total estado de latência e inatividade. Há belos e deslumbrantes minerais — o quartzo hialino — e as diversas variedades coloridas — o rubi, o topázio, a esmeralda; há o ouro rutilante em pepitas ou em filões, sais diversos dissolvidos nas águas dos mares e dos rios, ou em minas terrestres de sal gema, e outros; há preciosos minérios donde o homem extrai economicamente os metais: rochas de belíssimo aspecto, os gigantescos blocos de mármore branco de Carrara, como irrisados em cores várias, há o granito e o gnaisse, as argilas branca e vermelha. Que variedade enorme de rochas e de terras, que abundância de cristais, pertencentes a sistemas diversíssimos, nos quais as leis da cristalografia refletem, mesmo na Natureza assim inerte e bruta, a sabedoria divina e a divina providência! Mas tudo isso, amorfo ou em facetadas formas, fosco ou brilhante, dorme, não dando o menor sinal de vida, muito menos de consciência ou sequer de instinto.

Os seres que formam o reino vegetal existem, de certo modo também inertes e brutos, sem inteligência nem vontade ativa, mas já apresentando, embora fixos e sem poderem por si mesmos deslocar-se, o movimento interior da vida, realizando um completo ciclo vital: nascem, crescem, nutrem-se, desenvolvem-se, reproduzem-se, definham e morrem. É que, além da matéria densa, apresentam um outro princípio sutil e dinâmico, o princípio vital, de que deriva essa força prodigiosa que lhes comunica a vida. Tudo é maravilhoso nesse mundo das plantas, em seu conjunto admirável, desde os talófitos, cujo corpo vegetativo é um simples talo, sem raízes (podendo apresentar rizóides), sem verdadeiro caule, sem folhas, sem flores nem frutos, seres rudimentares, entre os quais se encontram as bactérias, algas e cogumelos; passando pelos briófitos e os pteridófitos, estes já mais evoluídos, como se pode ver nas belas cavalinhas e samambaias de múltiplos feitios e portes até os espermatófitos, que incluem, já no topo da escalada, os vegetais superiores, com raiz, caule, folhas, flores e frutos. Que variedade, então, de cores e sabores, e de valores nutrientes, nessa multidão de seres que vão desde as ervas pequeninas e os arbustos gracís até as frondosas e gigantescas árvores, os coqueiros altivos e as araucárias, as figueiras copadas e os jacatirões floridos, os carvalhos... Quanta manifestação de força e vida!

Entretanto, esses seres não revelam também consciência alguma da sua existência, não sentem prazeres ou dores, não têm verdadeiras percepções e sentimentos; só têm vida orgânica, que exatamente lhes é comunicada por sua união com o princípio vital. O Espiritismo confirma essas idéias da Ciência, como podemos ver nas seguintes questões de **O Livro dos Espíritos**: “Têm as plantas consciência de que existem? Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica.” (02) “Experimentam sensações? Sofrem quando as mutilam? Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Conseqüentemente, não têm a sensação da dor.” (03) “Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação, que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo? Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo disso da extensão que se dê ao significado desta palavra. É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem é que um ao outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto.” (04)

Os seres que formam o reino animal existem e vivem como os vegetais, mas acrescentam-se-lhes o movimento e as sensações, que os vegetais não têm, sendo que nos animais superiores os movimentos são livres e obedecem nitidamente à vontade, denotando também

certo grau de inteligência. Todavia, no animal ainda prevalece o instinto; a inteligência ainda não tem a capacidade do raciocínio.

Queremos, entretanto, lembrar que, se pelo seu corpo material o homem se assemelha aos animais, deles se distingue totalmente pela sua natureza espiritual, pela sua alma, que lhe confere razão e senso moral. Os Espíritos Superiores nos têm afirmado que há entre a alma do homem e a do animal a mesma distância que há entre o homem e Deus.

O homem não é um simples animal, porque nele vibra, como ser essencial, um Espírito, consciente, livre e responsável, destinado a realizar na sua plenitude a pureza, a justiça, o amor e a caridade.

“(…) Querem uns que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro. O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem dotado do que muitos destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. (...) Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus.” (05)

Há, ainda, uma diferença que gostaríamos de assinalar entre os animais e o homem: após a morte do corpo físico, a alma dos animais “(...) conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.” (07)

A alma do animal, após a destruição do corpo físico, “(...) fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.” (08)

* * *

FONTES DE CONSULTA

01 - KARDEC, Allan. Dos Três Remos. Ribeiro. In: __. O Livro dos Espíritos. Trad. De Guillon Ribeiro 73. ed. Rio [Janeiro]: FEB, 1993. Comentário à perg. 585

02 - Perg. 586.

03 - Perg. 587.

04 - Perg. 590.

05 - Perg. 592.

06 - Perg. 597.

07 - Perg. 598.

08 - Perg. 600.

09 - Gênese Orgânica. In: —. **A Gênese** Trad. De Guillon Ribeiro. 35. ed Rio [de Janeiro]: FEB, 1992. Item 29, pág. 204.